



INTOLERÂNCIA DE GÊNERO NO ESPAÇO DAS REDES SOCIAIS

Daniel Barcelos da Cunha

Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Professor EBTT/Biologia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

(IFMA) – campus Santa Inês, danielbcunha@gmail.com.

Prof.^a Dr.^a Maria Consuelo Alves Lima, docente do Departamento de Física e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

mconsuelo@ufma.br.

Prof. Dr. Jackson Ronie Sá-Silva, Professor Adjunto do Departamento de Química e Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão (UFMA),

prof.jacksonronie.uema@gmail.com.

Universidade Federal do Maranhão (UFMA) / ppecem.ufma@gmail.com

GENDER INTOLERANCE IN THE SPACE OF SOCIAL NETWORKS

Resumo

Analisa-se a reprodução da intolerância de gênero numa rede social, na perspectiva do movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), a partir de um problema local usado como cenário de aprendizagem e o suporte de saberes científicos, desenvolvendo nos alunos e nas alunas capacidades para tomadas de decisões diante de problemas de importância social. Este trabalho discute um fato ocorrido numa universidade pública de São Luís - MA, após uma aluna pintar uma escadaria com as cores do arco-íris. Em reação condenatória, a pintura foi pichada com um trecho bíblico. Uma foto da cena foi postada no *Facebook* e gerou comentários de intolerância a homossexuais. Numa perspectiva CTS, sugere-se que o fato homofóbico divulgado nas redes sociais seja estudado num contexto escolar. Para isso, são apresentados uma descrição das relações entre CTS e educação; caracterização das redes sociais a partir da perspectiva CTS; descrição da produção da homossexualidade pela ciência médica; e a aproximação entre o ensino sobre sexualidade e a perspectiva CTS. A situação apresentada, oportuna o conhecimento da história, intenções e interesses que envolvem as redes sociais, desconstrói a distorcida visão biológica da sexualidade, promove reflexões que envolvem alteridade e estimula a tomada de decisões



responsáveis, diante das diferenças e do uso de tecnologias que muitas das vezes são utilizadas para gerar estigmas, preconceitos, violências e exclusões.

Palavras-chave: Homofobia, Redes Sociais, CTS

Abstract

The reproduction of intolerance on a social network was analysed through the Science, Technology, and Society Movement perspective, from a local problem used as a learning scenery and for support of scientific knowledges, developing students' capacities to make decisions before problems of social importance. The present work discusses a fact occurred at a public university in São Luís - MA, after a student painted a staircase with the rainbow colours. In a condemning reaction, the painting was graffiti-scarred with a biblical saying. A photo of the scene was posted on Facebook and generated comments filled with intolerance toward homosexuals. In a STS perspective, it is suggested that the homophobic fact be studied in an educational context. Thus, a description of the relations between STS and education is presented, as well as a characterisation of social medias through a STS perspective, a description of medical science productions on homosexuality, and the approximation between sexuality education and the STS perspective. Such situation disrupts history knowledge, intentions and interests which involve social networks, deconstructs the distorted biological vision on sexuality, promotes reflexions which involve alterity, and stimulates making responsible decisions before differences and the use of technology, commonly employed to generate stigmas, prejudices, violences, and exclusions.

Keywords: Homophobia, Social networks, STS

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, tem sido cada vez maior o avanço da Ciência e da Tecnologia. O conhecimento e a produção de tecnologias avançam em proporções nunca vistas antes e talvez sequer imaginadas. Segundo Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007), é comum a percepção do desenvolvimento da Ciência e Tecnologia como sinônimo de progresso associado a ideia de que ela é sempre benéfica para a sociedade.



De acordo com Ricardo (2007), a tecnologia idealiza um artefato e mobiliza saberes já existentes ou novos para produzi-lo e, posteriormente, se ocupa em testá-lo, ajustá-lo, monitorá-lo. Portanto, trata-se de um artefato artificial que, muitas vezes, não são produzidos para atender as necessidades orgânicas das pessoas. Mas, como destacam Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007), o desenvolvimento tecnológico envolve interesses – econômicos, políticos e, até mesmo, militares – de grandes riscos e existe a dificuldade de a sociedade perceber que tais interesses envolvem as classes dominantes, que muitas vezes não atingem as classes menos favorecidas. Os autores fazem alerta para que o acesso aos produtos da tecnologia não fique restrito a utilização dos artefatos, mas, que os indivíduos também questionem e opinarem sobre a utilidade deles, que percebam que não são neutros, definitivos, e nem absolutos. Posicionamentos questionadores sobre os impactos da ciência e da tecnologia podem ser estimulados por uma alfabetização científica, por propostas com abordagem do movimento Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), que objetivam o desenvolvimento da cidadania e a formação de indivíduos com capacidade de se posicionar criticamente para a tomada de decisões, diante do desenvolvimento científico e tecnológico, como participantes ativos desse processo.

Artefatos são produzidos, cada vez mais, em nome do desenvolvimento tecnológico, enquanto paralelamente novos problemas são gerados pelo uso e/ou produção de artefatos tecnológicos. A discussão, neste trabalho, incide sobre as redes sociais, questionadas sobre a suposta neutralidade e analisadas as implicações do seu uso com manifestações e reproduções de violência, especificamente as relacionadas à homofobia.

Manifestações de homofobia são frequentemente contatadas e noticiadas, sendo muitas vezes reproduzidas e amplamente divulgadas nas redes sociais. Num contexto local, foi registrado um fato ocorrido na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na cidade de São Luís – MA, após uma aluna do curso de Artes Visuais pintar, com as cores do arco-íris, a escadaria de acesso ao prédio do Centro de Ciências Humanas (CCH). Posteriormente, os degraus da escadaria foram pichados com a escrita de uma passagem bíblica. Uma foto da escadaria pichada foi postada em redes sociais virtuais, desencadeando uma série de comentários discriminatórios contra homossexuais, uma vez que o arco-íris é adotado como símbolo da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). Essas manifestações preconceituosas postadas nas redes sociais motivaram estudantes a promoverem um “beijaço”¹ em resposta aos comentários considerados homofóbicos. A notícia sobre o beijaço foi divulgada por diversos sites e blogs, entre eles pelo

1 Ato de protesto contra atitudes homofóbicas, que consiste em beijos realizado por diversos casais de pessoas homossexuais em conjunto.



portal G1² - um dos portais com maior visibilidade no País. O compartilhamento da notícia repercutiu em novas sequências de comentários preconceituosos.

O impacto social da reprodução de manifestações homofóbicas pelas redes sociais é uma problemática que pode ser analisada a partir da perspectiva CTS, considerando que, como destacado por Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007), desde o início do movimento CTS, na década de 1970, uma de suas principais ações envolve o campo educacional.

Para Santos (2007), o objetivo de uma educação na perspectiva CTS é promover, a alunos e alunas, a capacidade de tomada de decisões responsáveis diante de problemas de importância social. Para que os objetivos de um ensino CTS sejam atingidos é preciso que seja estimulado o desenvolvimento de valores e que estes estejam relacionados ao “interesse coletivo, como os de solidariedade, de fraternidade, de consciência do compromisso social, de reciprocidade, de respeito ao próximo e de generosidade” (SANTOS, 2007, n.p.). Lima e Siqueira (2013) consideram que a concepção CTS é pertinente no que envolve conteúdos relacionados a sexualidade nas aulas de Ciências, pois promove posicionamentos e tomadas de decisões com relação a si mesmos e diante da sociedade, conduzindo a reflexões a respeito de problemas da sociedade, como exclusão, discriminação e opressão.

Diante das considerações postas e da problemática apresentada, propõe-se a discussão sobre a veiculação da homofobia pelas tecnologias virtuais como as redes sociais sob a visão CTS, objetivando reflexões sobre formas de abordagem desse problema social no ensino de Ciências, que estimulem, nos alunos e nas alunas, o desenvolvimento da cidadania, a tomada de decisões e a desconstrução de preconceitos.

2 CTS E EDUCAÇÃO

Historicamente, conforme Auler e Bazzo (2001), o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia (CT), até a segunda metade do século XX, estaria ligado ao bem-estar social, mas, a partir da década de 1970, as consequências relacionadas aos impactos ambientais e as guerras fizeram com que a CT fosse percebida de forma mais crítica, considerando tanto os aspectos

2 CARRAMILO, C. Estudantes da UFMA promovem ‘beijaço’ contra a homofobia. G1, Maranhão, 10 ago. 2012. Disponível em <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/estudantes-da-ufma-promovem-beijaco-contr-a-homofobia.html>>. Acesso em: 16 out. 2017.



ambientais como os sociais, sendo objeto de discussões políticas as inter-relações entre a ciência, a tecnologia e a sociedade (CTS).

Linsingen (2007) enfatiza, nos estudos de CTS, a visão crítica sobre uma ciência supostamente neutra, ausente de interesses e valores, cujos produtos estariam a disposição da sociedade para que ela decidisse sobre seu uso, promovendo a melhoria das condições de vida, ou seja, o bem-estar social. Segundo Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007) a sociedade precisa ter voz diante das decisões relacionadas ao desenvolvimento científico e tecnológico, e não somente ter participação nas decisões finais quanto ao uso de seus artefatos. Para alcançar esses objetivos, os autores consideram importante que a formação dos indivíduos a respeito da ciência e da tecnologia, ligada a um contexto social, seja proposta com o enfoque do movimento CTS na educação.

As mídias contribuem para a visão da ciência tida como benfeitora da sociedade, uma vez que têm fortes influências sobre a opinião pública e influenciam na tomada de decisões ao apresentarem temas que envolvem os “benefícios” da ciência e a tecnologia, o que resulta em boa aceitação pelos alunos e pelas alunas (RICARDO, 2007). Entretanto, diante da rejeição de alunos e alunas a conteúdos científicos trabalhados na escola, nas disciplinas, essa aceitação mostra-se contraditória, evidenciando que a mídia é também uma fonte de cultura científica, tão eficiente que atinge também os professores que a reproduzem como neutra e natural, que estimulam a valorizar somente os benefícios da ciência.

Embasado pela abordagem CTS, Ricardo (2007) sugere que a ciência e a tecnologia não sejam os objetos, os conteúdos a serem estudados, que as questões sociais, os problemas locais sejam os objetos de investigação por suscitarem explicações e respostas, e que os saberes da ciência e da tecnologia sejam utilizados como instrumentos e referências, aonde a aplicação dos saberes científicos busque soluções para problemas e promovam reflexão para tomada de decisões responsáveis. Ao se trabalhar conteúdos utilizando como ponto de partida a ciência e seus produtos tecnológicos, se estimula e valoriza seus “benefícios”, o que leva ao entendimento de que a ciência é neutra e se traduz em contínuo progresso para a sociedade. Nessas condições, muitas vezes não seriam percebidas as consequências do desenvolvimento tecnológico e, se fossem, elas seriam diminuídas a valorização das consequências. Isso por que, inicialmente o desenvolvimento tecnológico foi apresentado, valorizado e, conseqüentemente, percebido com algo sempre positivo mesmo que posteriormente suas consequências sejam apresentadas. Se a situação for invertida: se em uma aula um novo conteúdo for iniciado, não a partir de um saber “dado” e “natural” da ciência, mas se for apresentada inicialmente uma situação de um problema local, que envolve questões



sociais da realidade dos e das alunas, levá-los-iam a mobilizar suas concepções prévias e conceitos científicos para compreender o problema, procurando soluções. Induziria a refletir sobre suas realidades e os impactos que o desenvolvimento tecnológico traz as suas vidas e sobre os interesses que movem e estimulam o desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, a ciência e a tecnologia sairiam da posição de neutralidade e tidas como sinônimo de progresso, revelando suas verdadeiras intenções. Não seriam negadas suas utilidades, mas seriam percebidas suas origens, os reais interesses que estimularam sua produção.

Santos (2007) afirma que desde o início do movimento CTS, os currículos voltados para o ensino de ciências já traziam elementos dessa perspectiva, mesmo que de forma implícita, uma vez que já havia uma preocupação para uma educação voltada para o desenvolvimento da cidadania. Porém, foi somente depois, com a produção dos documentos oficiais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que os seus princípios foram observados mais explicitamente, mas as aulas de Ciências nas escolas continuam sendo ministradas a partir das abordagens tradicionais, com memorização de conceitos que pouco significam para os alunos e alunas, uma vez que não os relacionam com a realidade, mesmo que o PCN proponha que o ensino seja contextualizado socio-culturalmente e valorize a interdisciplinaridade (SANTOS, 2007).

Para Ricardo (2007) trabalhar CTS na escola envolve modificações na forma de encarar o currículo, o que pode ser visto como um obstáculo a ser superado. Isso porque, segundo o autor, uma educação nessa perspectiva ainda está além dos limites didáticos, temporais e espaciais da escola e exige uma reorganização de saberes e práticas dos e das docentes. Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007), destacam a necessidade de alterações no currículo para que seja possível promover uma alfabetização científica a partir dos contextos sociais, que são objetivos do movimento CTS, proporcionando o desenvolvimento de capacidade crítica nos alunos e nas alunas para que sejam capazes de exercer a cidadania, a tomada de decisões responsáveis e de transformar a realidade.

Outro desafio no que envolve um ensino de Ciências sob o enfoque CTS está relacionado a formação dos professores (AULER; BAZZO, 2001; LIMA; SIQUEIRA, 2013; PINHEIRO; SILVEIRA; BAZZO, 2007; SANTOS, 2007). Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007) relatam que muitos docentes não têm conhecimento sobre CTS ou até mesmo desconhecem o termo e seus princípios, e propõe, como uma possível solução, a inclusão de temas relacionados ao CTS durante a formação inicial ou continuada para professores. Destacam ainda que essa situação existe no Brasil porque há poucas universidades com linhas de pesquisa que desenvolvem estudos com o enfoque CTS e, por isso, os professores geralmente não têm acesso a essas pesquisas.



3 AS REDES SOCIAIS SOB A PERSPECTIVA CTS

De acordo com Ricardo (2007) é possível perceber que existe uma dependência crescente da sociedade para com os produtos de tecnologias desenvolvidas a partir de conhecimentos científicos. Tecnologias que alteram o modo de vida da sociedade e que resultam em novas demandas e na realidade de uma sociedade que tem caminhado em direção a artificialidade. Artificialidade de utensílios, vestimentas, lazeres, alimentos, ambientes virtuais e, até mesmo, de relações entre as pessoas, como são as redes sociais. Ao considerá-las como artefatos, produtos de tecnologias produzidas a partir de conhecimento científico, ou seja, fruto do desenvolvimento científico-tecnológico que também provocam impactos sociais, é possível analisá-las sob um olhar CTS.

Tecnologias virtuais, a exemplo do *Facebook*, são percebidas pela sociedade na perspectiva de progresso, ou seja, que foram desenvolvidas e postas à disposição das pessoas para que usufruam dela, com a intenção de proporcionar maior interação e comunicação para o bem-estar da população. Mesmo que, inicialmente, a intenção de seus desenvolvedores tenha sido o bem comum da população, durante sua produção outros interesses foram estabelecidos. As possibilidades de lucro com a plataforma do *Facebook*, ao ponto de se tornar a maior rede social do planeta, não seria possível sem o envolvimento de investidores que perceberam o potencial lucrativo dessa tecnologia. Isso quer dizer que a falsa percepção de uma “gratuidade” de acesso a rede para qualquer cidadão, na verdade movimenta um mercado onde poucos lucram.

É importante considerar que o termo “gratuidade” não significa que todo cidadão utiliza o *Facebook* ou outra rede social porque seu acesso é gratuito. Trata-se de uma tecnologia virtual e, para usufruir dela, é necessário acesso à internet e o uso de dispositivos como smartphones ou computadores. Essa condição contradiz a falsa ideia de desenvolvimento tecnológico para o bem de todos, uma vez que, devido às desigualdades sociais, não são todas as pessoas que têm acesso às condições mínimas para que seja possível utilizar essa tecnologia. É grande, e cada vez maior, o número de usuários do *Facebook* que dedicam muito tempo de suas vidas ao uso dessa plataforma, ficando expostos a outros artefatos tecnológicos pelas propagandas compartilhadas por ele, independente da vontade dos usuários. Garantido o grande número de envolvidos, o fluxo gigantesco de comunicação compartilhada na rede por seus usuários, quando usada de forma inadequada resulta em atos de violência com extensões inimagináveis.-



A violência se caracteriza pela concretização em um problema social, que pode causar danos físicos, emocionais e psicológicos, que se refletem em diferentes manifestações naqueles que a sofrem. Nas redes sociais, o problema é agravado porque pode ser reproduzido caracterizado em situações que permitem o anonimato e a distância física entre os agressores e as vítimas da violência. No caso da homofobia, a violência nas redes sociais é ampliada pelo fato de estar direcionada a pessoas que estão “fora do padrão” de uma sociedade cuja cultura normativa dominante é a da *heteronormatividade*.

Silva (2016) em sua pesquisa sobre homofobia na internet, utilizou como objeto de estudo uma página do *Facebook* chamada “Homossexualismo”, na qual diversas postagens, imagens e comentários preconceituosos foram analisados e organizados em categorias de acordo com a natureza do discurso homofóbico. As categorias foram relacionadas a conduta sexual (homossexuais caracterizados como promíscuos e pedófilos), origem da homossexualidade (traumas de infância, abuso sexual, influência da mídia), famílias homoafetivas (casamento e adoção), cura-gay (apontando relatos de ex-gays) e concepções de homofobia. Nesse último caso, o autor percebeu que os atores da violência negam que sejam homofóbicos, ou seja, não reconhecem a violência simbólica que exercem.

As redes sociais são produtos do desenvolvimento científico-tecnológico fundamentados em interesses que estão distantes de uma sociedade que não percebe – ou não considera na totalidade – os problemas causados por essa tecnologia como o caso da violência pelos homofóbicos. As redes sociais é um artefato que foi desenvolvido e oferecido a sociedade sem que esta participasse do processo para decidir sobre seu desenvolvimento e o uso.

4 O PROBLEMA DA HOMOFOBIA

A homofobia pode ser caracterizada como um problema? Para se responder essa pergunta, pede-se observar que o preconceito diante das diferenças de identidade sexual, ao resultar em violência, caracteriza um problema social. Mas, supomos que para algumas pessoas (as homofóbicas), esse problema só existe porque existe a homossexualidade. Ou seja, se não existissem homossexuais, não existiria o problema. Por isso, há empenho por parte dessas pessoas para que homossexuais se livrem ou escondam sua homossexualidade.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

E o que é a homossexualidade? A homossexualidade também é um produto da ciência. Foi produzida, discursivamente, através dos saberes da medicina no século XIX. Segundo Foucault (2015) a partir do século XVII, a igreja, o direito e as ciências médicas, motivadas pela *vontade de saber*³ e baseando-se nos relatos de pessoas em situações nas quais descreviam seus desejos e suas práticas sexuais produziram ao longo dos séculos um conhecimento, um *saber* sobre a sexualidade. Tal *saber*, através do *poder* que circulava por tais instâncias e instituições foi, e ainda é capaz de regular o modo como as pessoas vivem sua sexualidade. Essa regulação através do exercício do saber-poder realizado por essas instituições se constitui no que Foucault (2015) chamou de *dispositivo de sexualidade*. Através desse dispositivo, a heterossexualidade fica posta com uma norma, um modelo ideal de sexualidade a ser seguido diante de outras sexualidades periféricas, assim chamadas pelo autor.

Para que um estado seja produtivo, é preciso que haja o aumento de sua população. Por isso, no século XVIII surge a preocupação dos Estados com relação a constituição de famílias e com as práticas sexuais que refletiriam na reprodução, aumento da população e, conseqüentemente, na produtividade da nação (FOUCAULT, 2015). No século XIX, a Igreja passa a perder força em sua insistência sobre as práticas sexuais que contrariam natureza da reprodução e o direito começa a deixar de considerá-las como delitos. A medicina, então começou a classificar os sujeitos e as diferentes práticas sexuais, patologizando-as e integrando-as a outras formas de perturbações (FOUCAULT, 2015). O sujeito e as sexualidades assim classificados pelas ciências médicas, resultaram na produção da identidade homossexual, e

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e a nova especificação dos indivíduos. A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. [...] É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir da data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2015, p. 47-48).

³ A obra de Michel Foucault “História da Sexualidade” é composta por três volumes. O primeiro deles é intitulado “a vontade de saber” pois trata de uma abordagem histórica na qual instituições como a igreja, o direito e a medicina, através de métodos confessionais e movidos pela *vontade de saber* sobre o sexo, produziram saber que através do poder que circula por essas instituições, produziu um dispositivo de sexualidade capaz de regular a sexualidade das pessoas, conduzindo para a norma heterossexual.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Anteriormente, o sujeito era visto apenas como praticante da sodomia (sexo anal) o que era considerada uma infração, e o sodomita, apenas um infrator da norma jurídica. Mas a partir daquele momento, com a classificação das sexualidades que fogem a heterossexualidade, a sodomia deixa de ser uma infração e passa a fazer parte de um sujeito identificado como homossexual, juntamente com outras características físicas e comportamentais. Identidade esta, produzida discursivamente pela medicina, a partir do dispositivo de sexualidade e que é recriminada pela sociedade. Isso porque ao longo da história foi considerada anormal, patológica, sinônimo de perversão, imoral. E, considerando a produção da homossexualidade com base nos saberes da ciência, essa produção resulta em problemas sociais, como a homofobia, uma vez que a identidade homossexual é vista como algo negativo.

É possível entender a visão negativa da homossexualidade de forma aqui simplificada, de acordo com Silva (2014): a sociedade se encontra classificada em opostos binários que dividem as pessoas entre nós/eles, masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual. O binarismo representado nesse modelo de classificação resulta em hierarquização, na qual um é percebido como o melhor e o outro, o pior dentre os dois. Ao melhor, em consequência dessa característica positiva, é atribuído o reconhecimento de identidade. Nessa relação de oposição, o pior – característica negativa – se torna uma diferença. Sendo a identidade uma característica positiva, ela é fixada como uma norma a ser seguida na sociedade. Os que na norma não se enquadram, são classificados como anormais. No contexto do binarismo hetero/homo, a heterossexualidade é considerada a identidade, positiva, a norma. A homossexualidade é a diferença, negativa, representada pelos sujeitos ilegítimos que não se enquadram na norma. Dessa maneira, se estabelece a heteronormatividade, e os que não se enquadram nessa norma são vistos de forma negativa e muitas vezes, vítimas de homofobia.

Para Borrillo (2010), a divisão binária entre os gêneros e também entre o desejo sexual (no caso, hetero) funcionam como um dispositivo de ordem social, e não somente de aspectos reprodutivos. A homofobia, então, é guardião das fronteiras de sexo e de gênero, o que explica o fato de muitas vítimas não serem homossexuais, mas quaisquer outras pessoas que não se enquadram no modelo heteronormativo, como transgêneros, bissexuais, mulheres heterossexuais que apresentam características e comportamentos naturalizados como masculinos, e homens heterossexuais que apresentam características e comportamentos naturalizados como femininos (BORRILLO, 2010).



5 A HOMOFOBIA NAS REDES SOCIAIS SOB O OLHAR CTS

Uma proposta CTS crítica problematizando situações locais que estimule o compromisso social, faz-se necessário considerar o contexto tecnológico atual que, de forma geral, domina as relações da sociedade, impõe valores culturais e também oferece riscos (SANTOS, 2007). Lima e Siqueira (2013) consideram que o ensino de sexualidade nas aulas de ciências, pode estabelecer um diálogo com a perspectiva CTS, caso deixe de ser centrado num modelo puramente biológico onde se trabalha apenas conceitos científicos, para ser trabalhado numa forma dialógica, onde alunos e alunas participam ativamente trazendo para as discussões as situações do cotidiano e questionamentos que envolvem questões políticas, sociais e históricas.

Ricardo (2007), numa perspectiva CTS, propõe que o ponto de partida em uma aula seja um problema local, onde possam ser inseridos os saberes científicos procurando compreendê-los para solucionar problemas, refletindo sobre a realidade dos alunos e das alunas. Portanto, os comentários homofóbicos que se difundiram pelas redes sociais, a partir da fotografia da escadaria do prédio do CCH da UFMA, se constituem em um exemplo de problema local e material rico para que seja trabalhado em sala de aula questões relacionadas a sexualidade, conceitos biológicos, sociais, culturais e éticos. Ao abordar um problema social como esse, Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007) afirmam que o professor sai da posição de transmissor de conhecimentos, comum na metodologia de ensino tradicional, e passa a ser um articulador, mobilizando saberes, construindo juntamente com alunos e alunas os conhecimentos necessários que levem a reflexões e possibilidades de resolver o problema. Nesse caso, segundo os autores, seria uma minimização da ação docente e maior participação das alunas e dos alunos.

Pinheiro, Silveira e Bazzo (2007) destaca o fato de os PCN do Ensino Médio trazerem a proposta de um ensino desfragmentado em três áreas de conhecimento, onde as disciplinas trabalhariam em conjunto o que permite a utilização de diferentes conhecimentos os quais são necessários para resolver um problema que tenha sido contextualizado. Mas, de acordo com Santos (2007), não basta apenas utilizar-se de uma situação local para contextualizá-la e inserir os saberes científicos, mas sim analisar e refletir sobre as condições sociais que resultam naquele problema. Não bastaria trazer a homofobia propagada nas redes sociais para a sala de aula e citar os conceitos e princípios éticos, e explicações científicas que possam justificar a homossexualidade. Seria necessário refletir e analisar as condições que resultam na homofobia. Condições históricas que levaram a caracterização, patologização, estranhamento e conseqüentemente, a produção de um



discurso preconceituoso contra homossexuais que resulta em homofobia e que se manifesta em forma de violência – física ou simbólica – através inclusive de artefatos tecnológicos como as redes sociais. A compreensão dessa condição social produzida historicamente e discursivamente, pode levar a reflexões que promovam uma análise crítica a desconstrução das concepções e preconceitos diante da homossexualidade, o que contribuiria para a tomada de decisões que reduziriam as manifestações homofóbicas, sobretudo, nas redes sociais. Assim exercita-se a cidadania, o respeito ao próximo e a alteridade.

Miskolci (2015) considera, em uma perspectiva *queer*⁴, o modelo binário hetero/homo adotado pela sociedade, como um desafio que, superado, possibilitaria mudanças no processo educacional e transformações sociais. Considera importante também não se restringir apenas ao movimento LGBT – uma vez que vários são os sujeitos que não se enquadram no modelo heterossexual e o movimento não consegue enquadrar a todos –, questionar a ideia de normalidade e ainda trazer às discussões as violências, humilhações, e todas as experiências sofridas pelos sujeitos que não se enquadram no modelo heteronormativo de sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Ciências tradicionalmente tem sido realizado nas escolas apenas com base na transmissão de conceitos científicos que fazem pouco sentido para alunos e alunas já que não percebem a relação e a aplicabilidade de tais conceitos no cotidiano. A perspectiva CTS sugere que situações locais sejam o objeto de estudo e que os saberes científicos sejam inseridos na aula a partir de um problema social que venha a ser contextualizado. É importante considerar que contextualizar um problema social é demasiadamente diferente de citar exemplos do cotidiano.

A homofobia é um grave problema social, porque resulta do exercício do preconceito contra a homossexualidade e o sujeito homossexual. Em muitos casos pode resultar em manifestações violentas que podem até mesmo provocar lesões físicas ou a morte das vítimas. A violência simbólica é uma das formas da homofobia se manifestar através das redes sociais – artefatos

⁴ Queer: um termo usado pejorativamente (como “bicha”, “veado”, “sapatão”) e atribuído a homossexuais, assumido por uma vertente destes para caracterizar sua contestação com um significado de colocação contra normalização, mais imediatamente, contra a heteronormatividade compulsória. Representa a diferença (com relação ao movimento homossexual) por não querer ser incluída ou tolerada (LOURO, 2015). Também significa “estranho”, “excêntrico”, “fora do normal”.



tecnológicos virtuais que podem se constituir como plataformas para a (re)produção de discursos homofóbicos, o que amplia os efeitos desse problema.

O ensino pela abordagem CTS, que objetiva a formação de indivíduos capazes de exercer a cidadania a partir da tomada de decisões diante do desenvolvimento científico-tecnológico, em um contexto educacional, a situação da homofobia via redes sociais pode ser discutida na escola de forma contextualizada, tomando como exemplo a repercussão do caso da escadaria do CCH da UFMA. Sendo um evento de importância e impacto social local, é importante contextualizá-lo nas aulas de ciências, refletindo sobre a história, intenções e interesses que envolvem as redes sociais, desconstruindo a visão biológica da sexualidade, promovendo através da interdisciplinaridade reflexões que envolvem os valores de solidariedade e respeito ao próximo, estimulando a tomada de decisões conscientes e responsáveis diante das diferenças e do uso de tecnologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULER, D.; BAZZO, W. Reflexões para a implementação do movimento CTS no contexto educacional brasileiro. **Ciência & Educação**. v. 7, n. 1, p. 1-13. 2001.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 141p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 175p.

LIMA, A. C.; SIQUEIRA, V. H. F. de. Ensino de gênero e sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Alexandria. Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**. v. 6, n. 3, p. 151-172, nov. 2013.

LINSINGEN, I. von. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. **Ciência & Ensino**. v. 1, n. especial, nov. 2007.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte. Autêntica, 2015. 82p.

PINHEIRO, N. A. M.; SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. A. Ciência, tecnologia e sociedade: a relevância do enfoque CTS para o contexto do ensino médio. **Ciência & Educação**. v. 13, n. 1, p. 71-84, 2007.

RICARDO, E. C. Educação CTSA: obstáculos e possibilidades para sua implementação no contexto escolar. **Ciência & Ensino**, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

SANTOS, W. L. P. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & Ensino**, Campinas, v. 1, n. especial, 2007. Não paginado.

SILVA, A. da. **Homofobia e internet**: identificação de expressões de violência homofóbica em comunidades virtuais. Rio de Janeiro, 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <
<http://www6.enp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/HomofobiaeInternet.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes. 73-102, 2014.

